

Aumenta desconfiança de bancos com o País

ELIANE GAMAL
Especial para O Estado

Nova York — Uma semana depois de o Banco Central ter decretado a intervenção e liquidação extrajudicial dos bancos Comind, Auxiliar e Maisonnave, os bancos credores continuam preocupados principalmente com a posição do governo brasileiro de não querer cobrir as dívidas no Exterior destas três instituições. Esta crise poderá até mesmo ser um grande obstáculo às conversações entre o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e os banqueiros credores, que deverão ter início no próximo dia 9 de dezembro, em Nova York.

Além disso, de acordo com as declarações de um banqueiro norte-americano, inclusive a prorrogação do acordo da fase 2 da dívida externa brasileira — cuja expiração será no dia 17 de janeiro — desejado pelo ministro da Fazenda, Dílson Funaro, poderá estar também comprometida. Isto porque todos os bancos envolvidos com o Comind, Auxiliar e Maisonnave não querem reassumir qualquer negociação antes de ter esta questão resolvida.

Também com base nas reações de muitos credores, qualquer negociação ficará mais difícil depois das declarações do ministro Funaro, de

que o Brasil não tentará agora qualquer acordo com o Fundo Monetário Internacional. Não é fato novo o de que os banqueiros credores só concordam em renegociar a dívida externa brasileira depois de receberem um sinal verde do FMI. E este aval só virá com o acerto de um acordo, e principalmente quando a economia do Brasil se ajustar conforme as metas do FMI.

Toda esta complicada situação poderá deteriorar-se ainda mais se o Wells Fargo Bank levar adiante a sua idéia de abrir uma ação na Justiça contra o governo brasileiro para receber a sua parte nos empréstimos ao Comind, Auxiliar e Maisonnave. Sabe-se que até anteontem este banco estava decidido a tomar esta medida, mas, por causa de pressões de outros bancos — que ainda tentam dissuadi-lo —, o Wells Fargo adiou a abertura de qualquer ação judicial, embora essa possibilidade ainda não esteja totalmente descartada.

Com todo o impasse criado, aumentou o clima de desconfiança e incerteza dos bancos credores em relação ao Brasil. Para alguns banqueiros norte-americanos, se a situação fosse oposta, ou seja, se um banco do seu país fosse liquidado e tivesse empréstimos no Exterior, com certeza o governo dos Estados Unidos honraria ao menos parte de sua dívida.